

NEGÓCIOS

# China, mercado preferencial

Empresários detectam potencial de consumo chinês para produtos como biocombustíveis e laticínios e

Leda Rosa  
SÃO PAULO

Mariana Tolentino, sócia e diretora financeira da Destilaria Alpha, no município de Cláudio, a 130 quilômetros de Belo Horizonte, está animada. Até o início de 2009, ela deve ampliar as instalações da sua "pequena usina", como gosta de frisar. Com o aumento da capacidade, começa a realizar seu projeto mais importante: exportar etanol para a China. Mariana planeja vender ao mercado externo 70% de um milhão de litros cúbicos que produzirá. Metade deste total vai para os carros dos chineses.

— A China é meu mercado preferencial pelas perspectivas de cres-

cimento — diz, em coro com empresários que vêem no país asiático chances de ótimos negócios, ainda que em meio à crise financeira.

Se depender do governo chinês, Mariana pode manter as esperanças. Na quinta-feira, dia 6, o jornal estatal *China Daily* divulgou que o país estuda para breve a divulgação de um pacote de ações que pretende manter o ritmo de crescimento em meio à retração da demanda mundial. As novas medidas são radicais e se voltam para os setores de infra-estrutura e energia não-poluente, como o etanol brasileiro. Ainda haverá incentivos fiscais para contratação de mão-de-obra.

O pacote chinês busca con-

ter a queda no ritmo de crescimento do PIB. Em 2007 a China cresceu 11,9%. Para 2008, as previsões apontam algo em torno de 9,6% a 9,8%.

**"Um espetáculo"**

Do lado de cá do planeta, Mariana espera confiante a turbulência financeira mundial acalmar para consolidar parceria com empresa suíça que investirá na usina e viabilizará a ampliação.

— Com a crise, ficamos em *stand by*. No início de 2009 tudo deve voltar a andar — espera.

As vendas brasileiras para a China cresceram no acumulado de janeiro a outubro setembro 62%.

— Um espetáculo — diz Marcos

Lélis, coordenador da Unidade de Inteligência Comercial e Competitiva da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil).

Diante das perspectivas do mercado, a Apex abrirá até dezembro o primeiro centro de negócios verde-amarelo. Localizado em Pequim, com área mínima de 350 metros quadrados, prestará atendimento em setores como contratação de advogados locais, oferta de espaços para trabalho, reuniões e armazenagem.

Os biocombustíveis são um dos mais recentes focos de interesse da agência.

— Acompanhamos as tratativas que estão em fase inicial —

afirma Lélis.

A questão carece da definição do marco regulatório. Outra barreira para os negócios sino-brasileiros são as tarifas de 30% sobre o etanol importado e 17% de valor agregado.

— Quando o Brasil conseguir reduzir estas taxas, não vai ter como deixar a China de fora. Além de não ter tantas barreiras como os Estados Unidos, ela aumenta em 10 milhões de carros a frota por ano. É o mercado que mais vai crescer — aposta Mariana.

A demanda por etanol cresceu ainda mais com o protocolo de Kyoto, que obriga os chineses a misturarem álcool à gasolina.

A incorporação de 10% de eta-

nol em al demanda a aplicação até que os 2 etanol p 2020, K tagens au Outr dos núrr Gontígo, Itambé.!

## Em 2009, PIB chinês pode crescer 8,5%

As expectativas positivas dos empresários brasileiros em relação à China repousam sobre um tripé: consumo doméstico, exportações líquidas (exportações menos importações) e investimentos. Para manter a triade positiva, o governo chinês tem lançado mão de vários instrumentos de política monetária e fiscal. Mas os resultados costumam levar algum tempo para aparecerem nos indicadores.

As exportações líquidas estão em queda. Segundo dados do Escritório Nacional de Estatística da China, o indicador caiu pela metade de janeiro a setembro, no comparativo com o mesmo período de 2007, quando alcançou 2,4% no crescimento do PIB.

A queda da importância das exportações líquidas na economia é significativa. Se fossem deduzidas do PIB de 2007 (11,9%), o resultado seria 10,7%. Em 2008, o indicador deve ser ainda menor, por conta da crise, entre 9,6% e 9,8%.

Para 2009, a previsão varia de 8%

a 8,5%. "Concordo com este parâmetro, mas ainda é um pouco cedo. É preciso tempo para ver como se dará este crescimento e o estímulo aos dois principais motores da economia: consumo doméstico e investimentos", diz Rodrigo Tavares Maciel, secretário executivo do Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC) e autor do artigo que o *Jornal do Brasil* publica hoje sobre a China.

O consumo foi o maior contribuinte para o crescimento nominal do PIB, com 66,7% do total, seguido pelos investimentos domésticos em ativos fixos, com 40,6%. As exportações líquidas foram dos fatores responsáveis pela desaceleração da economia chinesa: contribuição negativa de 7,3% ao crescimento nominal do PIB do período.

Uma medida oficial que deve refletir positivamente no consumo interno é a efetivação de um plano nacional de previdência.

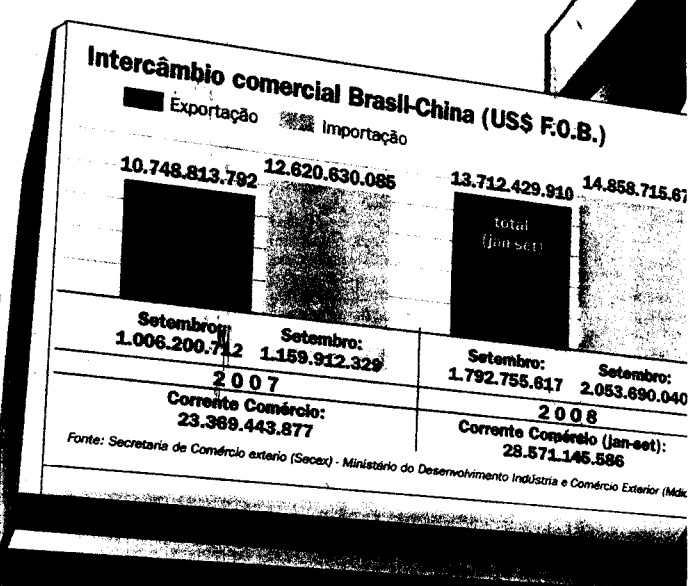
— Como ainda não dispõe deste instrumento, o chinês costuma

poupar mais do que precisaria se houvesse um organismo oficial para cuidar disto — diz Maciel.

Outra crença de boa parte dos analistas é que o governo invista ainda mais em infra-estrutura. Na quinta-feira, dia 6, a China anunciou que gastará US\$ 146,5 bilhões para reconstruir a cidade de Sichuan, arrasada pelo terremoto, em maio. O valor é mais que o triplo da conta das Olimpíadas de Pequim, orçadas em US\$ 40 bilhões.

No final de outubro, o estímulo foi para as exportações, com incentivos fiscais para 3486 produtos (25,8% da cesta chinesa de exportação). Entre os setores, os mais importantes para o Brasil são têxtil e brinquedos. Todas as empresas beneficiadas são ligadas a áreas estratégicas porque empregam muito.

A cada ano, a China precisa criar 10 milhões de empregos. Nesse sentido, ainda houve ação recente voltada à construção civil e as moradias populares, setor com déficit histórico e expressiva geração de empregos.



## Os dois países têm interdependência comercial

Brasil e China são parceiros estratégicos, o que significa dizer que há uma interdependência de natureza comercial porque o Brasil tem commodities primárias que a China busca com avidez para continuar crescendo.

— Já o Brasil é uma economia emergente que tem demonstrado capacidade para atravessar a crise com relativa tranquilidade — diz Bento Delgado Kardos, diretor dos departamentos chinês e de contratos do Noronha Advogados. Outra vantagem é a desvalorização cambial.

— É um fator de atração dos investimentos chineses para o Brasil — diz. Entre os setores com poder de atração suficientes para captar os recursos chineses, ele cita siderurgia, logística, terminais portuários, complexos agrícolas e biocombustíveis.

O aumento das taxas do dólar reforça ainda a posição brasileira no comércio exterior.

— Outro benefício da queda do dólar é que o Brasil pode se colocar ainda mais no papel de exportador — diz Kardos. Mas, para o especialista no comércio bilateral, é preciso que o governo

promova intensamente as exportações para a China.

— Este é o momento do governo trabalhar em uma agenda mais positiva para incentivar as exportações brasileiras — sugere Kardos.

Entre os produtos com grande potencial de exportação para a China, cita as carnes suínas, aves, peixes e crustáceos, soja, petróleo e derivados, produtos de higiene pessoal, calçados, metais não-ferrosos e biocombustíveis.

— Os biocombustíveis são uma possibilidade importante, porque a

Este é o momento de o governo trabalhar em uma agenda mais positiva no sentido de incentivar as exportações brasileiras

Bento Delgado Kardos, especialista no comércio Brasil e China

China tem pouca área para agricultura de alimentos em face da demanda interna. Substituir a cultura de alimentos por outra de cana ou milho pode gerar um déficit maior de alimentos — diz Kardos. A alternativa seria importar biocombustíveis, como o etanol brasileiro.

— A crise pode ser boa para nós, pode ser um grande momento para o Brasil fortalecer ainda mais a parceria com a China e tirar proveito disto — observa.

Os números do governo mostram que, em outubro, as vendas brasileiras bateram novo recorde, alcançando US\$ 18.512 bilhões, crescimento de 17,4% sobre o mesmo mês em 2007. No conjunto, a Ásia foi a região que mais comprou do Brasil, com aumento de 45,6% puxado, especialmente, pelo minério de ferro, siderúrgicos, combustíveis, carnes e fumo.

No ranking dos países, a China foi o terceiro destino mais frequente das exportações nacionais, com negócios que renderam US\$ 1,420 bilhão. Na liderança estão os EUA (US\$ 2,352 bilhões) e Argentina (US\$ 1,634 bilhão).

## Até fevereiro, commodities são verdadeira incógnita

As exportações do Brasil para China são sustentadas pelas commodities, tendo como destaque a soja, o minério de ferro e o petróleo. Os três somaram pouco mais de US\$ 9,6 bilhões até setembro, num total de US\$ 13.712 bilhões vindos das exportações para a China. Na queda continua dos preços destas mercadorias, como ficam as perspectivas para o comércio sino-brasileiro em 2009?

— Só será possível saber em fevereiro, quando chegarem ao mercado as primeiras colheitas da safra 2008/2009. O resto é especulação — diz Gilman Viana, presidente da Comissão de Comércio Exterior da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

Pairam dúvidas sobre as previsões que anunciam os preços das commodities agrícolas despencando em 40% a partir de janeiro.

— Acho difícil, embora seja uma ameaça. O horizonte está muito desconhecido. Não tem nenhum ponto do mercado, em lugar nenhum do mundo, que confira se-

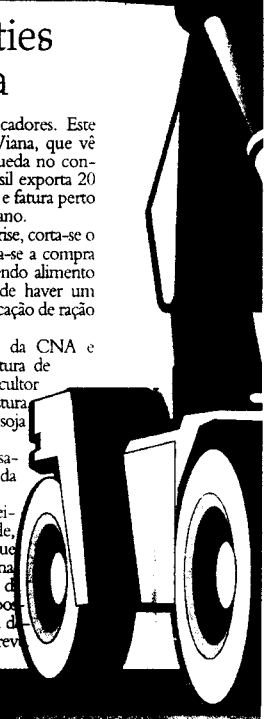
gurança a estes indicadores. Este valor é blefe — diz Viana, que vê como inevitável a queda no consumo da soja. O Brasil exporta 20 milhões de toneladas e fatura perto de US\$ 4,5 bilhões/ano.

— Em tempos de crise, corta-se o supérfluo e administra-se a compra do básico. Mesmo sendo alimento básico, nesta soja pode haver um supérfluo, como fabricação de ração animal — diz.

Para o executivo da CNA e secretário de Agricultura de Minas Gerais, o agricultor pode fazer uma mistura reduzindo a cota de soja adquirida.

— Só não dá para saber agora o tamanho da redução.

No minério, os efeitos são claros. A Vale, que exporta 20% do que produz para a China anunciou a redução de produção, mesmo apontando que a queda na demanda chinesa será brev-



# ncial para o Brasil

## veis e laticínios e esperam crise amainar para ativarem negócios

definição  
Ultra-bar-  
sino-bra-  
0% sobre  
17% de

conseguir  
ter como  
em de não  
os Estados  
n 10 mi-  
r ano. É o  
crescer -

o cresceu  
oculo de  
chineses a  
sina.  
% de eta-

nol em algumas regiões impactou a demanda. Os chineses já sabem que a aplicação nacional da nova medida até 2010 exigirá muito mais que os 2 milhões de toneladas de etanol produzidos ao ano. Até 2020, Kyoto estabelece porcentagens ainda maiores de álcool.

Outro otimista com a extensão dos números chineses é Jacques Gontijo, presidente da minceira. Até dezembro, são grande

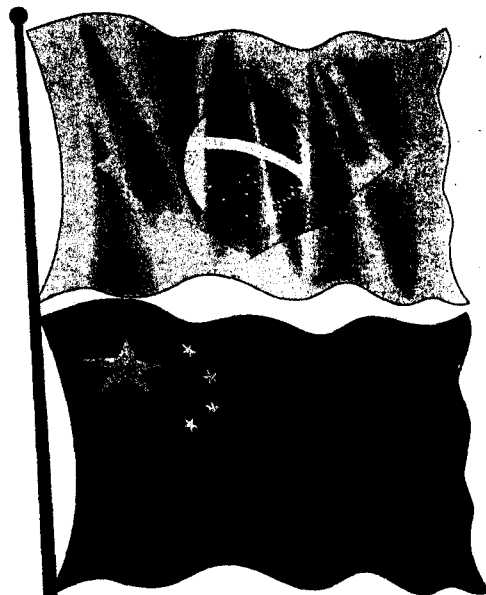
as chances da empresa desembarcar a primeira remessa na China: 20 mil toneladas de leite em pó. A Itambé já exporta entre 60 e 70 mil toneladas de leite para 50 destinos.

Para alcançar os supermercados chineses, a empresa mineira negociou mais de dois anos.

- Estamos já há algum tempo pesquisando para investir no mercado chinês, ainda sem sucesso efetivo. Tem uma parte burocrática muito grande - ressalta Gontijo.

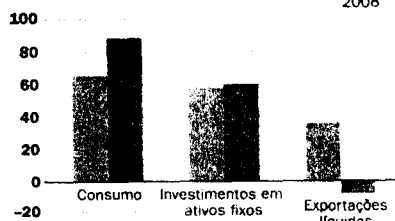
Segundo ele, para melhorar o ambiente de negócios é preciso mais agilidade dos governos dos dois países para acertar as questões sanitárias em um acordo bilateral.

- Estas legislações variam conforme a nação. Isto não depende da iniciativa privada, é ação de governo.



### Contribuição (%) ao crescimento do PIB nominal

2007 1º sem. 2008



Fonte: Dragonomics Research and Advisory

### na (US\$ F.O.B.)

12.712.429.910 14.858.715.676

total (jan set)
Setembro: 1.792.755.617
Setembro: 2.053.690.040

2008  
Corrente Contábil (Jan-set): 28.571.145.586

envolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC)

### Setores com oportunidades identificadas na China

- 1 Alimentos, bebidas e agonegócios (chocolates, balas e confetes, carnes de aves, farinha para animais, frutas, massas alimentícias e preparações e sucos)
- 2 Máquinas e equipamentos (aviões, borracha, máquinas e motores)
- 3 Tecnologia e saúde (instrumentos de precisão e produtos químicos)
- 4 Moda (calçados, higiene pessoal, cosméticos, metais, pedras preciosas, peles, pelataria, couro)
- 5 Casa e construção civil (ferramentas, talheres, madeiras, cortiças, trançaria, metais não-ferrosos, papel e celulose, produtos metalúrgicos, produtos minerais, tintas e vidros)

Fonte: Apex Brasil

Balança comercial  
Outubro 2008  
US\$ milhões F.O.B.

Exportações Brasil/China  
US\$ 1.420 bilhão

Importações Brasil/China  
US\$ 2.079 bilhões

Fonte: SECEX/MDIC

### Exportação brasileira Principais produtos e valores (US\$ F.O.B.)

- 1 - Grãos de soja: 8.119.028.425
- 2 - Minérios de ferro não aglomerados: 3.243.403.230
- 3 - Óleos brutos de petróleo: 1.251.469.358
- 4 - Óleo de soja em bruto: 714.827.953
- 5 - Minérios de ferro aglomerados: 589.701.298

### Importação brasileira

- 1 - Dispositivos de cristais líquidos (lcd): 705.703.544
- 2 - Aparelhos de telefonia/telegrafia: 688.570.817
- 3 - Coques de hulha de linhita ou de turfa: 443.005.460
- 4 - Terminais portáteis de telefonia celular: 256.913.272
- 5 - Aparelhos receptores de radiodifusão, televisão, etc: 249.877.652

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (Secex) Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC)

26

pres. Este  
a, que vê  
no con-  
porta 20  
tura perto

corta-se o  
a compra  
alimento  
haver um  
o de ração

CNA e  
de  
or



## Alta de salários aquece mercado doméstico

Um dos fatores de maior relevância quando se analisa as possibilidades do mercado interno da China deslanchar é a continuidade da política de aumentos reais. O governo chinês continua incentivando uma alta dos salários que tem oscilado em torno de 10% a 15% ao ano. E até agora não há indício de que as autoridades chinesas tenham resolvido mudar esta trajetória de injetar poder de compra aos trabalhadores.

- Isto não vai ser reduzido em breve e garantirá uma demanda maior por

alimentos, porque quem ganha mais, come mais e come melhor - diz Bento Delgado Kardos, diretor dos departamentos chinês e de contratos do Noronha Advogados. Outra fonte de recursos que engrossará os ganhos da população é o aumento da oferta de empregos.

- Os investimentos em infra-estrutura em 2009 são significativos. A China tem 55 cidades construindo metrô hoje. Ainda há obras de construção de ferrovias, aeroportos. Isto significa, se não a manutenção nos atuais níveis de demanda, pelo menos uma redução muito pequena.

De olho no poder de geração de mão-de-obra das micro e pequenas empresas, a China cria incentivos para ampliação do crédito, afetado na atual crise de liquidez. As autoridades ainda estimulam a compra de imóveis, facilitando o acesso aos financiamentos e diminuindo a carga de tributos nas transações e nos preços das casas. Mesmo assim, o setor imobiliário exibe sinais preocupantes.

- Está havendo uma desaceleração do setor imobiliário. As vendas de imóveis em algumas cidades da China caíram 30% a 40% no último mês - diz Rodrigo Maciel do Conselho Empresarial Brasil China. A aversão ao risco faz com que os investidores guardem os recursos e não invistam no mercado chinês.

Outro complicador no cenário chinês é a queda no nível de atividade industrial anunciada pelas autoridades no início de novembro. Também estão em queda as arrecadações fiscais. Mas é preciso cuidado para não atribuir todos estes resultados negativos à crise internacional.

- Para conter os picos de inflação de 2007 e a possibilidade de superaquecimento, o governo editou várias medidas de desaceleração no último trimestre e parte ainda reflete nestes resultados. Agora, se esta pressão, a tendência deve ser começar a melhorar em 2009 - diz o executivo do CEBEC.

## ARTIGO

## Postura reativa face às iniciativas chinesas

Rodrigo Tavares Maciel  
Zaira Lanna\*

REUTERS

Motivada por sua enorme demanda por matérias-primas, a China reconheceu o Brasil como parceiro estratégico e estreitou laços comerciais no início dos anos 2000. Naquele momento, em que as exportações brasileiras para a China saltavam, o país asiático já ocupava posição de destaque no cenário internacional e integrava o planejamento estratégico, empresarial e governamental de países mais desenvolvidos.

Desde então, o Brasil tem apenas adotado postura reativa face às iniciativas comerciais chinesas, que têm o Brasil, na prática, apenas como parceiro estratégico fornecedor de commodities – condição similar a outros países da América Latina.

## Exportação

Ao analisar a pauta de exportação brasileira para a China, verifica-se que esta é muito distinta do padrão brasileiro de exportação – que detém maior presença relativa de manufaturados e semimanufaturados.

O terceiro trimestre de 2008 apresentou novo aumento de concentração em produtos básicos, que representaram 82,2% do total de vendas para o mercado chinês, valor 3,1 pontos percentuais superior ao registrado no mesmo período de 2007.

Contrariamente ao divulgado no Brasil, essa concentração em produtos de menor valor agregado também é atípica à pauta chinesa de compras do exterior, que tende a concentrar-se em produtos mais sofisticados. Máquinas e equipamentos foram os produtos mais importados pela China no primeiro semestre de 2008 e corresponderam a aproximadamente 65,3% das importações totais do país nesse período.

É necessário ressaltar que a concentração em produtos de alto valor agregado também se repete na pauta de exportações da China para o mundo, desmistificando outra visão ultrapassada, porém difundida no Brasil, de que o país asiático é exclusivamente exportador de



bugigangas e de produtos de baixa tecnologia.

Tais produtos, frequentemente acusados de destruírem o parque industrial brasileiro, pouca participação detêm na pauta da importados provenientes da China.

Em 2007, as importações brasileiras do país asiático foram, majoritariamente, de bens de capital e matéria-prima para indústria, que representaram 76% das compras brasileiras do país asiático.

## Fornecedoras

A China tornou-se fornecedor estratégico para produtores brasileiros de diversos setores, que se beneficiam dos baixos preços de produtos chineses para garantir renovação tecnológica e ampliação do parque industrial nacional.

Produtos de consumo final não duráveis, como brinquedos, calçados e vestuário, alvo constante de reclamações de empresários brasileiros, representaram somente 8,7% das importações do Brasil da China em 2007.

## Inércia do Brasil não impede o aprofundamento das relações com o país asiático

Já no acumulado de janeiro a setembro de 2008, essa tendência de pequena participação foi mantida – o setor de calçados sustenta mesma participação no total importado pelo Brasil da China de 2007, de 1,2%.

Já têxteis e vestuário apresentaram queda de 0,9 pontos percentuais de janeiro a setembro de 2008 em relação ao acumulado no ano anterior. Brinquedos, por sua vez, apresentaram participação de 1,6% e não deverá superar a marca de 2% registrada em 2007.

## Lider

Dessa forma, a indústria brasileira é, de longe, o maior importador do país asiático, beneficiando-se de baixos preços

de fornecedores chineses para tornar-se mais competitiva no mercado doméstico e internacional.

Embora exista enorme barreira de desconhecimento entre os dois países e a ausência de ações coordenadas entre o governo brasileiro e setor empresarial ou o intuito de explorar adequadamente oportunidades oferecidas pela ascensão econômica da China, o comércio entre os dois países tem expandido a passos largos.

O ritmo de crescimento da corrente de comércio sino-brasileira é expressivamente mais acelerado do que o observado entre as relações comerciais do Brasil com Argentina e Estados Unidos.

A China, que já era o segundo parceiro comercial brasileiro em termos de importações e de corrente comercial, empatou com a Argentina na segunda colocação em termos de destino das vendas brasileiras para o exterior de janeiro a setembro de 2008. Ainda, o Brasil apresentou o segundo maior ritmo de crescimento comercial entre os parceiros da Chi-

na, atrás somente de Angola.

Vale salientar que estes números foram conquistados sem nada mais do que iniciativas solitárias e escassas de algumas empresas brasileiras. Isto é, sem esforços e planejamento estratégico coordenado.

O Brasil parece não entender as oportunidades atreladas ao título de “parceiro estratégico” e opta por desperdiçar a possibilidade de discutir diretamente temas de seu interesse via mecanismos bilaterais de negociação e cooperação, como Diálogo Estratégico e Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (COSBAN).

Porém, encorajar a comunicação para atenuar o emaranhado burocrático, interesses conflitantes e diferenças culturais é apenas uma das tarefas fundamentais ao aproveitamento das oportunidades existentes. Uma vez realizado seu dever de casa, o Brasil poderia beneficiar-se mais, muito mais.

Rodrigo Tavares Maciel é secretário executivo e Zaira Lanna é e analista Internacional do Conselho Empresarial Brasil-China

## ARTIGO

## Três lições a partir da crise econômica

Igor Barenboim  
ECONOMISTA

O recente desmonte do mercado mundial trouxe à tona os erros e os acertos do atual arranjo financeiro global. A perda de valor das empresas, o congelamento da economia e a mudança brusca de preços relativos podem ser entendidos como a mensalidade que tivemos que pagar para ter chance de aprender. Nos resta agora fazer o dever de casa e retirar as principais lições destes eventos, a fim de mitigar a possibilidade de crises futuras.

## Primeria lição

Bancos cumprem as funções públicas de armazenagem de reserva de valor, de manutenção do sistema de pagamentos e de canalização da poupança da população para os projetos que para ela mais geram valor.

Ou seja, o sistema bancário é como se fosse o sistema circulatório do corpo humano, mesmo que todos os órgãos (empresas) estejam saudáveis, se uma artéria entupir (banco quebrar) pode ir tudo para o espaço (trazer quebra de empresas). A quebra do Banco Lehman Brothers ilustrou essa lição.

## Segunda lição

Os bancos sabem que não é do interesse público que eles quebrem (ou seja possuem perdas limitadas) e também sabem que podem gerar mais lucro quanto mais risco tomarem, ou seja quanto mais empréstimos concederem (ganho ilimitado). Portanto está no melhor interesse dos controladores de bancos tomar mais risco do que o ideal para a sociedade. Aprendemos nessa crise que mesmo que os bancos sejam regulados como são pelo acordo da Basileia, eles terão incentivos a criar ou incentivar a

## Bancos tendem a criar instrumentos alternativos, não sujeitos à regulação

criação de instrumentos alternativos como fundos de investimentos não sujeitos à regulação, que adquiram os ativos que os bancos próprios produzem. Os fundos da Goldman Sachs e do Bear Stearns que sofreram perdas bilionárias há já muitos meses, não eram entidades formalmente ligadas a esses bancos. No entanto, operavam como laranjas para estas grandes instituições financeiras. Afinal, no momento em que as perdas foram notadas, os bancos as assumiram. A conclusão é que bancos e todas as entidades com as quais estas instituições te-

nam acordos, contratos, ou chaves para desempenhar concessão de crédito, devem estar sujeitas ao mesmo tipo de regulação – o acordo da Basileia.

## Terceira lição

O sistema de remuneração através de bônus é como uma dinamite. Este artefato foi desenvolvido pelo Sr. Nobel no século XIX, permitindo a criação do espaço urbano moderno como conhecemos. É muito difícil fazer túneis e grandes construções sem explosivos, no entanto, caso a dinamite seja mal colocada, quem pode ir pelos ares é você mesmo! O sistema de remuneração variável que paga aos colaboradores de uma empresa de acordo com o seu desempenho pode fazer maravilhas, provendo incentivos aos trabalhadores para que se esforcem e consigam resultados. No entanto, caso o incentivo seja mal desenhado, o co-

laborador pode ser muito eficiente em trazer prejuízos! No caso dos bancos americanos, os bancários tinham remuneração, atrelada ao volume de crédito concedido. Quando o ideal era uma remuneração que acompanhasse o resultado que esse crédito gerava. O lucro depende de uma série de variáveis como taxa de juros, taxa de inadimplência, risco do crédito e não apenas do volume de crédito. Esse incentivo contribuiu para que muito mais crédito fosse concedido do que o ideal. Há que se ter cuidado com remuneração variável. A recomendação vale para qualquer força de vendas de empresa. Afinal, de que adianta o seu vendedor (gerente de banco), enfiar mercadoria (dar crédito) em quem não vai lhe pagar?

Igor Barenboim é PhD em economia por Harvard e diretor financeiro da Barenboim

ARTIGO

# O empresário brasileiro desconhece a China

**Bento Delgado Kardos**  
ADVOGADO

A Universidade de Santiago do Chile, na última semana, abrigou o congresso internacional "Ciências, tecnologias e culturas", que, por brilhante iniciativa dos ilustres professores e sinólogos Luis Antônio Paulino e Marcos Cordeiro recepcionou uma mesa para discutir os aspectos da relação China - América Latina.

Durante a abertura da minha apresentação, intitulada "Os desafios enfrentados pelos Estados da América Latina que exportam principalmente commodities primárias para a China", enfatizei o fato de que grande parte das dificuldades enfrentadas pelas empresas brasileiras em seus negócios com os chineses dá-se fundamentalmente pela falta de informações e conhecimento dos empresários brasileiros em relação à cultura chinesa.

**Competição**

Da mesma forma, as dificuldades que o Brasil enfrenta, ou melhor dizendo, os passos de tartaruga que o governo brasileiro caminha em direção ao dragão asiático, também dá-se em função deste profundo desconhecimento, e pouco caso.

Não surpreso, na segunda-feira seguinte, deparei-me com a entrevista concedida pelo embaixador do Brasil em Beijing, Sr. Clodoaldo Hugueney, ressaltando exatamente o mesmo ponto: empresário brasileiro desconhece a China!

Não por menos, nesta terça-feira, o jornal o Estado de São Paulo publicou a matéria "O Brasil conhece mal a China", fazendo, também, referência à entrevista concedida por nosso embaixador.

De fato, o Brasil desconhece

a China. Durante estes quatro anos advogando interesses de empresas brasileiras na China, e de empresas chinesas no Brasil, tenho me deparado com questionamentos que denunciavam esta situação. Para se ter uma idéia, já me deparei com quem tivesse aberto empresa em Hong Kong acreditando estar na China!

Este é apenas um exemplo piífo, dentre muitos. Contudo, o resultado desta ignorância está no fato de o Brasil não ter conseguido atrair grandes investimentos da China, tampouco sabido explorar aquele mercado, limitando-se a assistir a transferência das nossas unidades de produção para a China, atraídas por tentadores incentivos fiscais, e baixo valor da mão-de-obra.

Nos idos de 2004, durante sua visita ao Brasil, o presidente chinês Hu Jintao declarou que investiria aproximadamente US\$ 100 bilhões na nossa região, mas o que vimos até hoje foram poucos e tímidos milhões.

**Oportunidades**

O Brasil, seja por suas necessidades básicas de infraestrutura, seja por seus recursos naturais, ou até mesmo pela tecnologia nacional em diversos setores, oferece grandes oportunidades de investimento.

Todavia, como temos observado, o destino dos investimentos estrangeiros chineses têm sido outros.

Apenas no segundo semestre de 2008, o governo brasileiro, com importante participação da iniciativa privada, conseguiu "lançar" o que ficou chamado de "Agenda China", um documento contendo tímidas sugestões de ações positivas para nortear o relacionamento econômico-comercial sino-brasileiro.

Ora, a abertura da China ao



REUTERS

## O Brasil precisa adotar uma postura mais firme e negociar melhor com Pequim

mundo ocorreu há décadas, por iniciativa de Deng Xiaoping. Desde então, assistimos, passivamente, diversos países estreitarem seus laços de amizade com o dragão asiático ao mesmo tempo que se beneficiaram economicamente deste relacionamento.

E nós, como sempre, atrasados.

Agora que a crise financeira bate à porta do mundo, mais uma vez se apresenta ao Brasil

uma oportunidade. O Brasil precisa, urgentemente, adotar uma postura mais firme e negociar em posição mais ativa com a China, exigindo não apenas uma maior abertura do mercado local para nossas empresas, mas também investimentos nas áreas em que somos deficitários.

A desvalorização do real frente ao dólar significa maior atratividade de capital estrangeiro. A fragilidade de economia norte-americana, e de vários países da região do euro, recentemente revelada ao mundo, e os bons sinais de solidez da economia brasileira, pode indicar o novo endereço dos investimentos estrangeiros, notadamente os chineses.

Contudo, é preciso conquistar os chineses, um povo

tão simpático, e que olha para o Brasil com olhar de irmão.

Brasil e China são parceiros estratégicos, e apresentam características complementares que ainda não foram exploradas.

O Brasil não pode se limitar apenas à exportação de commodities para a China. Temos, repito, que saber identificar as carências chinesas e explorá-las. Existem diversos produtos nacionais, de valor agregado, que podemos fornecer à China, além das commodities primárias que, justiça seja feita, nos trouxeram um superávit na corrente de comércio com a China até 2005.

Bento Delgado Kardos é diretor do Departamento Chinês e de Contratos de Noronha Advogados  
e-mail: bdk@noronhaadvogados.com.br

# Slot



**Marcelo Ambrosio**

marcelo.ambrosio@jb.com.br  
Slot do JB Online: www.jb.com.br

## A FAB, o Pentágono e o bastidor do projeto FX2

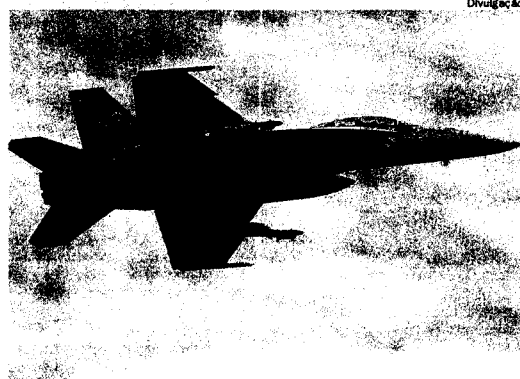
Em uma segunda tentativa, o chamado projeto FX-2 de modernização da FAB caminha para uma conclusão com apenas três caças. Na concorrência anterior, no governo FH, eram cinco numa negociação na qual o poderio militar e estratégico tinha tanto peso quanto o *offset*, a contrapartida comercial. Para quem não sabe, em licitações dessa monta, US\$ 2,5 bilhões, por alto, quem adquire o bem só o faz se o vendedor gastar o equivalente em mercadorias do país.

Comentei outro dia em um artigo que o favorito dos pilotos era o russo Sukhoi 35, dada a sua capacidade de manobra e enorme autonomia. Os jaguares de Anápolis também admiravam o pequeno Gripen, suco, por sua maleabilidade, mas torciam o nariz pelo reduzido alcance de voo, que os obrigaria a abastecer em voo duas vezes caso tivessem de interceptar um intruso na fronteira com a Venezuela. Os Mirage 2000 traziam seu favoritismo baseado na longa experiência dos

caçadores com esse tipo de aeronave. Com menos chances, vinham o F-16 americano e o Mig-29 russo. Como alternativa barata, corriam por fora os Kfir israelenses, espécie de Mirage genérico. De segunda mão, saíam pela bagatela de US\$ 1 milhão por mês em leasing.

Lembro que, na época, o Brasil não obteve do governo americano as condições que desejava para o F-16. Queria um pacote que deixasse o país no nível do Chile, cujas esquadilhas têm radares de longa distância e mísseis ar-ar. O Pentágono até poderia ceder o radar, mas para o armamento exigia que os foguetes ficassem sob sua guarda, como faz com a Tailândia. Para o governo, não era atraente, tanto que enquanto as negociações corriam, técnicos desenvolviam em Israel um tipo de chip barato, não reutilizável, capaz de transformar um foguete cego em um míssil inteligente, controlado pelo radar. Uma idéia genial.

Na atual concorrência, essa despesa pode ser desnecessária. Os três



**SUPER HORNET** - O Brasil terá acesso a toda a tecnologia do jato

jatos qualificados são o Gripen, o Rafale (surpresa, por ser mais caro) e o F/A-18E/F Super Hornet. No artigo que fiz comentava da aposta da Boeing, que além de ter enviado representantes do programa há mais de um ano a Brasília - um deles eu conheci - montou uma operação sob medida para a FAB, inclusive com o deslocamento de uma engenheira brasileira, Márcia Costley, para aproximar o jato ao máximo da cultura e das exigências dos Jaguares da 1ª Ala

de Defesa Aérea. Ao contrário do que houve na primeira licitação, dessa vez as portas estão abertas.

Em um dos últimos atos - pelo menos esse foi sensato - da administração Bush na área de Defesa, os EUA aprovaram a transferência completa, de 100%, de toda a tecnologia embarcada nessa aeronave, muito utilizada pela aviação naval dos EUA. Isso significa que os militares terão os radares que permitirão trazer o Brasil para um status de potência

regional equivalente à sua dimensão política e estratégica - hoje somos a quarta força do continente, atrás de Venezuela, Chile e Peru. Não só saberão como operar, mas terão acesso aos secretíssimos softwares que os controlam. As conversas são em nível tal que o interlocutor americano na atual fase da concorrência é uma das mais altas patentes à frente do Pentágono. A crença é que esse status continue assim com Barack Obama no Salão Oval.

Os concorrentes, claro, não estão quietos. Esta semana, pelo menos três lobistas de altíssimo quilate circulavam pela capital federal. E lembro que o fabricante do Gripen acenou com um modelo especial para o Brasil com maior autonomia de voo. Para os russos, que ficaram de fora, a sensação é a de que o jogo está definido a favor dos americanos. O sinal disso, garantem, foi a inédita operação de troca de reais por dólares fechada pelo Federal Reserve com o Banco Central daqui na semana passada, um mimo para adoçar a boca. Já analistas dos EUA acreditam que a Rússia perdeu o negócio pela rapidez com que equipou a força aérea de Hugo Chávez com os Sukhoi. A operação desestabilizou mais o balanço estratégico na América do Sul, fator que agora pesa nosso favor.

Divulgação